



“VISÕES À MARGEM E ALÉM-MAR”: A LITERATURA MARGINAL BRASILEIRA NA PERSPECTIVA DE HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA E DE FRANCISCO TOPA

Paula Guerra – mariadeguerra@gmail.com
Universidade do Porto, UP, Porto, Portugal; <https://orcid.org/0000-0003-2377-8045>

Maria Carolina de Godoy – mcdegodoy@uol.com.br
Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4016-3720>

Patrícia Marcondes de Barros – patriciamarcondesdebarros@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1677-7263>

RESUMO: Entrevistas realizadas em meio digital por Maria Carolina de Godoy (UEL/Letras), Patrícia Marcondes de Barros (UEL/História) e Paula Guerra (FLUP/Letras) com Heloísa Buarque de Hollanda (27 de abril de 2020) e Francisco Topa (06 de julho de 2020) sobre a literatura marginal/periférica brasileira.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura marginal dos anos 1970, Literatura Periférica, Cultura Brasileira

* * * * *

Heloísa, como foi sua incursão na literatura marginal e a introdução desse tema na universidade através da publicação dos *26 poetas hoje*? Como lhe ocorreu a ideia de produzir esta obra que deu visibilidade à produção literária marginal?

HBH – Minha incursão foi através da vida mesmo. É a minha geração ainda que tivessem participantes mais novos. Eram poetas e amigos com os quais eu circulava. Decidi escrever sobre isso porque estávamos no pós AI-5, ou seja, no período mais duro da ditadura, e havia um esvaziamento da universidade e da cultura porque os protagonistas haviam sido presos ou exilados. Então como sempre estudei a relação da política com a cultura, percebi que aquela poesia era uma das únicas formas artísticas que estavam funcionando com relativa liberdade e conseguindo juntar gente em lançamentos e performances. E isso me interessou demais. A chegada à universidade da poesia marginal foi muito complicada. Os professores e críticos ou achavam que era uma poesia “ruim”, ou que não era literatura. Foi muito negativa na época.

Francisco, como que se deu o interesse em pesquisar a literatura brasileira, especificamente a dos séculos XVII e XVIII? E a literatura oral e marginal? Conte-nos sobre suas experiências de pesquisa que teve passagens por universidades brasileiras como professor visitante.

FT – Abriu um concurso em 1989 para professor assistente estagiário nas áreas de literatura brasileira e literaturas orais e marginais, naquela época a carreira começava imediatamente após a graduação. Iniciava-se a carreira com a figura do assistente estagiário, que em teoria dava metade de uma disciplina em princípio são todas aulas práticas e comecei a trabalhar com um professor muito conhecido no Brasil chamado Arnaldo Saraiva, hoje Professor Emérito da Universidade do Porto e que ensinava essas duas matérias; por um lado, a literatura brasileira e por outro, uma disciplina que eu tinha criado no Porto e que foi a primeira do gênero em Portugal, chamada de *Literaturas Orais e Marginais*. Portanto, o fato de ter começado a ensinar, a investigar e a trabalhar nesta área me ocorreu devido à natureza desse concurso em que fui selecionado e comecei a trabalhar em 1990 e interessei-me, portanto, nessas duas áreas e, depois, a circunstância concreta de ter optado pela literatura brasileira do período colonial foi uma sugestão que inicialmente não gostei, porque como todos os jovens, me inclinava mais para a área contemporânea, foi uma sugestão do meu orientador, o professor Arnaldo Saraiva. Era uma área menos trabalhada da Literatura Brasileira e também aquelas que os portugueses poderiam dar um contributo mais interessante. É muito material que está disperso por bibliotecas e arquivos portugueses e que nunca ninguém trabalhou de forma continuada, portanto, acabei por me interessar por essa área e trabalhei primeiro sobre um inconfidente do século XVIII chamado Seo Alvarenga, natural de Minas Gerais, conhecido no Rio de Janeiro. Mais tarde trabalhei no doutoramento sobre Gregório de Mattos. Ia para uma coisa e outra e depois trabalhei com os diversos poetas e escritores do período colonial. Quanto às literaturas orais e marginais, o conceito em Portugal é um pouco diferente do Brasil. Por literatura oral nós entendemos o que em outros espaços se chama literatura popular ou literatura folclórica. E por literatura marginal, o conceito remete mais para as formas não canonizadas da literatura como certas formas da ficção científica, do romance policial, letras de canções, coisas do gênero que tem uma importância literária, mas que não são propriamente polidas nas instituições literárias. Durante alguns anos trabalhei sobre essas áreas sobre certos aspectos da literatura popular.

Qual é a contribuição da contracultura para a literatura marginal e como as ideias desse movimento foram ressignificadas no contexto brasileiro na fase ditatorial?

HBH – A literatura marginal é claramente um segmento da contracultura. O que foi interessante é que enquanto nos Estados Unidos a contracultura era “revolucionária” aqui formou núcleos de produção “permitida”. Permitida porque como era mais comportamental do que ativista, não era vista como política, não trazia bandeiras, nem palavras de ordem, nem eram diretamente críticas da ditadura. Então

tornou-se um espaço relativamente livre para a juventude registrar sua experiência como geração do “sufoco”(sic) como era conhecida na época.

FT – Não sou especialista nessas áreas, mas conheço a chamada poesia marginal brasileira e todos os seus principais autores. Acompanhei a trajetória que eles tiveram (alguns que continuaram a escrever) e entendo esse momento como importante dentro da literatura brasileira, mas também de alguma forma, da cultura, sociedade e história brasileira. Numa disciplina que nós temos aqui chamada *Cultura Brasileira*, quando falo dos tempos mais recentes sempre me refiro a textos, filmes e canções desta época associadas a este movimento, e tento estabelecer um paralelo com aquilo que não aconteceu tão intensamente em Portugal. Brasil e Portugal estavam nessa altura, numa ditadura, a vossa mais recente e a nossa mais antiga, países empurrados de certa maneira para movimentos conservadores e em ambos tinham grupos ativos de jovens querendo coisas diferentes. No Brasil, numa gama muito diversificada de arte, às vezes de uma forma particularmente criativa, como por exemplo, o mimeógrafo, e em Portugal, sobretudo, através da música e muitas vezes no estrangeiro. Portanto, muito dos jovens portugueses que intervieram nesse movimento estavam nessa altura exilados em França, Itália, e em países nórdicos, na Holanda, porque em Portugal não tinham liberdade, nem condições para criarem a sua música e fazerem a sua arte. No caso do Brasil é diferente, os jovens que de uma forma geral ficaram, foram aos poucos espalhando sua mensagem, diversificando as suas formas de expressão, intervindo na sociedade e ajudando certamente a combater o movimento antidemocrático da época.

As produções atuais de grupos bem marcados por gênero ou etnia exercem papel similar à produção dos poetas marginais dos anos 1970?

HBH – Não. São também comportamentais, mas tem questões mais específicas em sua luta. A contracultura era em bloco contra o “sistema” e o mercado. Os grupos de gênero e étnica são lutas identitárias, são a procura do direito de ser sujeito, de ter voz e igualdade dentro do sistema.

FT – Eu tenho dúvidas que as duas coisas sejam comparadas. Procuro ler e acompanhar tudo aquilo que vai se passando no Brasil, mas não posso dizer que conheça profundamente o que está a passar nos vossos dias. Parece-me, contudo, que são coisas diferentes; em primeiro lugar, do ponto de vista da motivação e, em segundo lugar, da formação dos membros destes grupos. De uma forma geral, a geração de 70 tinha formação universitária, proveniente da média e alta burguesia que usava, sobretudo, a poesia, como forma de expressão. E o que hoje se entende como literatura marginal no Brasil é aquela que vem da periferia, das comunidades, representada por livros como aquele que fez bastante sucesso no Brasil e também em Portugal, do Geovane Martins *O Sol na cabeça*. É gente, portanto, que também tem alguma

formação universitária, mas com um enquadramento diferente e com um tipo de compreensão da realidade diferente também. Parece-me que estes jovens estão a encontrar uma intimidade maior em nível de certos grupos periféricos e marginais do que das universidades. Portanto, aparentemente dirigem-se a grupos diferentes, usam instrumentos diferentes e fizeram coisas diferentes. A geração de 70 tentava romper o silêncio que era imposto, uma espécie de mordaza, fazendo uma literatura diferente. Esta outra geração parece-me usar a literatura como meio de denúncia, de combate, de transformação dos aspectos de grande injustiça na sociedade brasileira.

Qual o papel da literatura hoje no empoderamento de comunidades desfavorecidas no Sul Global?

HBH – Vou falar da poesia porque é minha área. O papel da poesia nunca foi tão central. A poesia tem um desejo de expressão tão forte que além do texto saltou para fora da página e tornou-se performance, oralizou-se quando foi necessário, chegando a novas práticas bastante políticas como o Slam, que se autodefine como poesia “de mensagem” ou seja, poesia de demanda de direitos.

FT – A literatura é e será cada vez mais uma das formas de resistência ou uma das formas de empoderamento de certas comunidades desfavorecidas do Sul Global. Se tentarmos um olhar global o que na verdade é um olhar impossível, ninguém conhece evidentemente todo o Sul, conhecemos alguma coisa do Sul, um ou outro autor no Brasil e em outros países da América Latina, em África e em outras comunidades-, mas ninguém tem o conhecimento pleno deste universo. Parece-me que, cada vez que um desses autores de movimentos é particularmente bem sucedido, acaba por ser de certa forma absorvido e esvaziado pelo *mainstream*. Portanto a sua literatura, a sua voz, acabam por cair numa nova corrente que derretida a força, a capacidade de combate político e social, passa a ter sua vertente mais estética privilegiada. Por outro lado, parece-me que falta articulação entre muitos desses autores dessas comunidades. Se mesmo a escala de um país continente como o Brasil, os movimentos tivessem integrados numa espécie de rede, muito provavelmente a sua voz, as suas ideias, as suas propostas poderiam ter um desenvolvimento muito mais consistente. Algumas coisas que hoje estão a ser ditas, tentadas no Brasil, já foram ditas ou tentadas, por exemplo, em algumas comunidades dos Estados Unidos, estão a ser ditas ao mesmo tempo na Argentina, no Peru e no Chile e muitos países da chamada África negra também. Portanto, falta-nos a todos, aos autores que escrevem, trabalham nestas comunidades, mas também nós, professores, intelectuais que nos interessamos por isso, falta-nos ainda uma visão integrada destes fenômenos para percebermos as suas potencialidades e, sobretudo, para evitarmos muitas vezes com a nossa intervenção bem intencionada por retirarmos força e capacidade de combate desses movimentos. Tenho a nítida convicção de que alguns desses movimentos, algumas dessas

vozes acabam por ficar enfraquecidas a partir do momento em que passam a ser promovidas fora dos seus meios de nascimento.

Conte-nos sobre suas pesquisas acerca da literatura africana.

FT – Em 2008, comecei também a trabalhar com as literaturas africanas de língua portuguesa. Mais recentemente tenho trabalhado com as outras, principalmente aquelas que se expressam em inglês. Temos um Mestrado em *Estudos Africanos* que no próximo ano vai privilegiar as literaturas em língua inglesa. O que se nota a princípio é o pouco que sabemos destas literaturas e o muito que isso nos empobrece. Grandes clássicos das literaturas africanas são praticamente desconhecidas fora da África. Há alguns nas línguas africanas, mas há outros que escrevem em inglês, português, francês e em árabe também e são praticamente desconhecidas na Europa e isto diz muito da nossa sociedade e da nossa concepção de literatura e ajuda a explicar nossa relação com a África, com os africanos, que em certo momento é marcada por tensões e episódios de alguma violência e de muita estranheza. Eu tenho feito com as literaturas africanas, mais ou menos, o que tenho feito com a literatura brasileira, isto é, tenho em termos de pesquisa estudado, sobretudo, as coisas mais antigas. Nós temos a ideia que a literatura angolana, moçambicana, cabo-verdiana só começou depois da independência desses países, isto é, só começou mais ou menos aos 45, 50 anos, e isso não é verdade. Não sempre de uma maneira africana, mas escreveu-se praticamente desde o início da colonização, no século XVII e XVIII em alguns desses espaços. Depois tenho estudado com mais cuidado a literatura angolana, que é talvez, aquelas do grupo dos países de língua portuguesa que é mais representativa talvez, motivos de interesse maior. Podemos dizer que entre esses africanos há uma geração nova que está a surgir e que está digamos assim ousada nos novos meios de comunicação social para difundir a sua arte. É uma geração que nem sempre tem uma boa propagação de base, nota-se uma falha da formação escolar, nem sempre tem um domínio da gramática tradicional correta, mas com novas ideias e formas de colocar os problemas com a capacidade de cruzar a poesia com música, de lançar mão de instrumentos como o *rap* e outras formas musicais para combater o poder político, para fazer-se ouvir, para chamar a atenção para os problemas das comunidades periféricas. Também nessas sociedades africanas, em particular naquelas de língua portuguesa há coisas interessantes a surgir à margem dos circuitos tradicionais da literatura.

A literatura continua a ser uma arma ao serviço de movimentos contraculturais e alternativos?

HBH – Certamente.

FT – Pode ser. Creio que desde o seu início a literatura foi sempre ou pode ser sempre uma arma, depende da maneira como cada um a vê. Alguns escritores continuam a assumir explicitamente este papel, fazer dos seus textos vocacionados para a transformação deste ou de outro aspecto da sociedade, outros, aparentemente, refugiam-se numa concepção mais estética da obra literária. Mas a verdade é que como todo o tipo de texto, podemos fazer uma leitura que aponte para uma intervenção e reflexão sobre a realidade. A questão é saber se a leitura subsistirá nos próximos tempos. Não tem tanto a ver com o desenvolvimento das tecnologias, mas com o empobrecimento que às vezes pode parecer casual, mas talvez não seja casual e sim proposital por parte do governo de muitos países ao desinvestirem em educação, numa formação boa e voltada para a instabilidade da população. Estão a criar consciente ou inconscientemente, propositadas ou não, geração de analfabetos funcionais que dificilmente terão acesso a uma leitura como esta. Tem vezes que parece casual, apenas um desleixo proposital como no caso do Brasil, penso se não será um projeto assumido no sentido de um domínio mais fácil das pessoas que não tem acesso a uma educação boa. A literatura pode continuar a constituir uma arma, instrumento de reflexão sobre a realidade que nos ajude a pensar aquilo que nos rodeia e colocar sentido para aquilo que fazemos no mundo.

SOBRE OS ENTREVISTADOS

Heloísa Buarque de Hollanda é Professora Emérita de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação e Coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas pesquisas dedicam-se às áreas de poesia, relações de gênero, relações étnicas, culturas marginalizadas e às questões colocadas pelo novo quadro econômico, político e cultural dos processos de globalização e desenvolvimento tecnológico. É autora com vasta obra, entre elas: *Macunaíma, da literatura ao cinema* (1978); *26 poetas hoje* (1975); *Impressões de Viagem* (1992); *Cultura e participação nos anos 60* (1984); *O feminismo como crítica da cultura* (1994); *Asdrúbal Trouxe o Trombone: memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70* (2004).



Francisco Topa é Professor Associado do Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, lecionando nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literaturas Oraís e Marginais. Doutorou-se em Literatura, em 2000, na mesma Faculdade, com uma tese sobre o poeta barroco Gregório de Matos. Obteve em 2016, também na FLUP, o título de Agregado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, especialidade de Literatura e Cultura. Sua investigação é dirigida para a literatura portuguesa e brasileira dos séculos XVII e XVIII, as literaturas africanas de língua portuguesa e algumas áreas da literatura oral e marginal. Entre suas publicações destacamos: *José da Silva Maia Ferreira – Espontaneidades da minha alma*. Edição fac-similada (introdução e organização, 2018); *Ernesto Marecos – Juca, a matumbola e outros textos angolenses* (introdução e edição, 2018); *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias* (organização; com Solange Finza Cardoso e Joelma Santana Siqueira; 2016); *Manuel dos Santos Lima, escritor angolano tricontinental* (organização; com Irena Vishan; 2016); *De “Luanda” a Luandino: veredas* (organização; com Elsa Pereira; 2015); *Luandino por (re)conhecer: uma entrevista, estórias dispersas, bibliografia* (2014); *Um G(onç)alo Renascido: poesia inédita do brasílico Gonçalo Soares da Franca* (2012); *Poesia inédita de Luís António Vernei* (2001).



Publicação da entrevista e uso de imagem autorizados pelos entrevistados.

Title

Views from Border and overseas: Brazilian marginal literature from the perspective of Heloísa Buarque de Hollanda and Francisco Topa.

Abstract

Interviews conducted digitally by by Maria Carolina de Godoy (UEL/Letras), Patrícia Marcondes de Barros (UEL/História) and Paula Guerra (Universidade do Porto/FLUP) with Heloísa Buarque de Hollanda (April 27, 2020) and Francisco Topa (July 06, 2020) about Brazilian marginal/peripheral literature.

Keywords

Marginal literature of the 1970s, Peripheral Literature, Brazilian Culture.

Recebido em: 30/07/2020.

Aceito em: 11/08/2020.